

## SALAZAR: A RETÓRICA DA INVISIBILIDADE

Um dos traços marcantes dos *Discursos* de Salazar consiste na recusa peremptória da “retórica”, entendida no sentido pejorativo do termo: recusa e horror dos “discursos ociosos”, do verbalismo brilhante e vazio. Uma ideia tantas vezes repetida e tão claramente enunciada que acaba por se tornar suspeita: não constituiria ela uma peça importante da estratégia de retórica salazarista?

A análise confirma-o; a partir desta recusa, compreende-se melhor algumas orientações fundamentais da política de Salazar — oposição radical ao regime parlamentar, justificação da censura, natureza da propaganda —, mas também a moral e ideologia do Estado Novo e até a sua maneira de fazer política. Poderíamos mostrar que, por exemplo, segundo Salazar, as causas profundas da anarquia reinante antes do golpe de Estado de 28 de Maio de 1926 se encontravam na retórica republicana. É a esta que se refere quando declara: “Eu sou, de facto, profundamente antiparlamentar porque detesto os discursos ociosos, palavrosos, as interpelações vistosas e vazias, a exploração das paixões não à volta duma grande ideia, mas de futilidades, de vaidades, de nada sob o ponto de vista do inte-

resse nacional.<sup>1</sup>” Assim se conduziu o País ao declínio, impedindo qualquer espécie de consenso, esboroando o poder, paralisando a acção do Governo — isto, porque a retórica da vida parlamentar era enganadora, hipócrita, demagógica, irresponsável. Daqui decorre, logicamente, que mudando de retórica, adoptando uma que se oponha de forma radical aos vícios e defeitos denunciados, se usufruiria de um poderoso meio de reerguer o País. Foi o que fez Salazar. Assim, o seu discurso será um discurso de verdade que se revelará, ao mesmo tempo, um discurso pedagógico: uma retórica da verdade, uma retórica sem retórica destinada a transformar os homens.

Mas o que significa uma “retórica sem retórica”? Salazar não rejeita toda a retórica. Preconizando uma retórica da verdade, ele, no entanto, considera a sua, aquela que pratica, muito inferior ao ideal que diz visar. Porquê? Porque não possui o dom da oratória, esse poder inato do grande orador: “Não sentindo em mim essa força íntima da vocação que irresistivelmente leva o escritor e o orador de raça a escrever e a falar, todos os trabalhos do género os tenho executado como dever do cargo e sem dúvida mais penosamente do que qualquer outro serviço”<sup>2</sup>. E ainda: “Obrigado a falar, sem os dotes naturais dos oradores, sem essa magnífica consciência da superioridade própria sobre a multidão que dá o sangue-frio, o à-vontade, a clareza dos raciocínios e a facilidade de expressão do pensamento (...)”<sup>3</sup>. Mesmo tendo em conta a sua habitual falsa modéstia, esta avaliação da sua própria pessoa corresponde à realidade: Salazar não é um orador. Não possuindo o dom da palavra, a sua retórica ver-se-á submetida de imediato a um constrangimento fundamental: os seus discursos serão previamente escritos e destinados a ser lidos. Estes *Discursos*, tal como ele os apresenta em 1935, no seu prefácio, não constituem mais do que “pedaços de prosa que foram ditos”<sup>4</sup>.

No entanto, como é seu costume, Salazar transforma de imediato o defeito em virtude: se, por um lado, não se permite os fulgores oratórios que arrastam as massas, por outro, serve-se de meios que penetram em profundidade no espírito dos ouvintes. O escrito mantém uma vantagem sobre o dito: cria “a atmosfera de serenidade que convém” à apresentação de “algumas ideias mestras da construção política portuguesa nestes anos”.<sup>5</sup> O texto lido aproxima o acto de ouvir do acto de ler. Ao contrário da leitura, ouvir implica uma compreensão “menos fácil e menos profunda”<sup>6</sup>, e, portanto, menos durável: “na oratória (...) em que a reacção do auditório é contemporânea da produção do discurso, a vida e glória deste dependem do efeito *em extensão*, mas a acção futura nos espíritos provém do seu efeito *em profundidade*. Pode dizer-se que um não tem nada com o outro”<sup>7</sup>. O efeito da leitura é mais duradouro, porque se faz sentir em profundidade. Retenhamos o termo de “profundidade”, noção-chave da retórica salazarista. Retenhamos também que se trata de produzir efeitos no comportamento e acção dos ouvintes.

As lacunas do mau orador Salazar, transformam-se em vantagens: os seus discursos ganham em inteligibilidade, força de persuasão, durabilidade de influência. Querendo defender-se das acusações de frieza e distância em relação às massas, de que é objecto, Salazar descreve assim a sua arte oratória: “De tudo resulta ser aqui mais fortemente solicitada a inteligência que a vontade, ser comedida a emoção, encadeados os raciocínios, mais que moderadas as paixões, em suma serem frios estes discursos em país de sentimentais. O entusiasmo de momento, a embriaguez pela palavra, a vibração passional produzida com habilidade ou suma arte na massa humana, mesmo desacompanhados de toda a reflexão ou convencimento sério, têm por vezes grande interesse político; em caso algum devem constituir sistema ou escola. Por isso se deixaram em re-

pouso as paixões, se fez sobretudo apelo às inteligências e se trabalhou no domínio das ideias, sempre correctas, sempre sinceras, mas talvez incapazes de por si arrastar os corações.”<sup>8</sup>

Neste pequeno grupo de citações, encontramos todos os princípios da retórica de Salazar, expostos no prefácio do primeiro tomo dos *Discursos*. Não é minha intenção estudar “a retórica de Salazar”, ou mesmo os seus princípios. Para lá de se tratar de uma tarefa imensa, há inúmeras retóricas em Salazar, que correspondem a diferentes períodos da vida do País. Como se sabe<sup>9</sup>, Salazar, homem de princípios, é também um grande pragmático; adapta-se às circunstâncias, adopta diversas retóricas conforme as exigências do momento, tentando sempre não mostrar que mudou de orientação.

Optei por estudar o período dos *Discursos* que vai de 1928 à eclosão da Segunda Guerra Mundial: um período que corresponde à instauração e consolidação da Ditadura e depois do Estado Novo. Todas as preocupações de Salazar, ministro das Finanças e depois presidente do Conselho, centravam-se então, quase exclusivamente, na tarefa da edificação do novo regime: a sua atenção fixa-se nos problemas internos do País. Em primeiro lugar, terá de definir uma doutrina política, os eixos da sua acção no domínio financeiro, económico e social, os princípios da organização do Estado e o seu nacionalismo; ele esforça-se assim por construir um pensamento coerente que abranja todos estes aspectos e ofereça um quadro geral de inteligibilidade ao seu próprio poder: a sua interpretação da história de que ele constitui o principal actor.

A Guerra de Espanha primeiro, depois a Segunda Guerra Mundial, e depois a guerra fria e por fim a guerra colonial vão desviar progressivamente a atenção de Salazar para a cena internacional. As suas estratégias discursivas começam a mudar. O modelo retórico construído durante

os anos vinte e trinta vai sendo abandonado, mas não esquecido: até ao fim da sua vida, ele nunca deixará de resurgir, aqui e ali, sempre que a oportunidade o permita. Pode-se mesmo colocar a hipótese de ele se manter escondido no íntimo da sua consciência, esperando por melhores dias, acabando por condicionar, de acordo com esse modo de presença-ausência, muitos dos aspectos mutáveis do seu pensamento e da sua retórica dos anos cinquenta e sessenta.

Há diversas maneiras de abordar uma determinada retórica. Escolhemos uma bastante particular: deixando de lado, o exame exclusivo das formas de argumentação e das figuras de retórica, assim como afastando todas as componentes não verbais, prosódicas e rítmicas que ajudam à persuasão, interrogámo-nos sobre um ponto enigmático da arte oratória de Salazar: como pensava ele comunicar “profundamente” — já que esta era a sua intenção confessa — com os seus auditores, se recusava toda a dimensão “passional” ou “irracional” da eloquência (aquilo que Aristóteles designava por *atechnon*, “sem arte”)? Questão ainda mais intrigante, se tivermos em conta que ele sabia sem dúvida que a “racionalidade” e a “clareza” dos seus discursos eram incapazes de, por si só, provocarem a convicção dos “corações”, como dizia.

É verdade que ele lera os clássicos da retórica e que continuava a ler o padre António Vieira — autor que cita com frequência e em quem se inspira, embora esteja longe de possuir a sua riqueza linguística e retórica. Lembremo-nos de que os discursos de Salazar são frios e secos, pobres de imagens, metáforas e símbolos; são descritivos e racionais.

A minha hipótese é que ele possuía a intuição de um método pessoal mais insidioso para atingir o “fundo da consciência” do seu público: o método de comunicação